

Otto von der Groeben: uma viagem ao Atlântico em nome de Brandeburgo

Marília dos Santos Lopes
Universidade Católica Portuguesa, Viseu

Finda a Guerra dos Trinta Anos (1648), o principado alemão de Brandeburgo almeja a construção de um estado moderno em franco desenvolvimento e crescimento. Frederico Guilherme, conhecido como o “Grande eleitor”, vai ter um papel decisivo nesta transformação política e económica do pequeno território de Brandeburgo. Na esteira de outras potências europeias, o regente admira as ideias mercantilistas de criação de riquezas, intervenção do estado e monopólio comercial, pelo que irá desenvolver um projecto alicerçado na expansão territorial. Após fracassadas diligências para se sediar em Tranquebar na Índia, onde chega a adquirir aos dinamarqueses, em 1651, um forte, Brandeburgo decide instalar-se no continente africano. A rede de rotas e entrepostos internacionais que pretende criar irá ter como exemplo os Países Baixos, que, graças a companhias comerciais como a Verenigde Oostindische Compagnie (VOC), conseguiram monopolizar várias parcelas do comércio europeu e assim recolher grandes riquezas. Dirigidas por um governador-geral e influentes comerciantes, estas companhias responsabilizavam-se pelas principais tarefas carregando com os riscos da empresa, modelo que agradaria ao “Grande eleitor”. Entusiasmado vai, pois, criar condições para fazer parte de uma já implantada economia internacional.

As dificuldades não vão ser poucas, a começar pela falta de financiamento, controlo de portos e estaleiros navais, até a vias marítimas e fluviais, vários serão os obstáculos com que se irá debater. A expansão territorial alcançada com a participação na Guerra dos Trinta Anos trazer-lhe-ia, contudo, uma porta aberta para o mar e com a colaboração de um comerciante e construtor de navios, Benjamim Raule, que colocaria à sua disposição dez das suas embarcações, o “Grande eleitor” poderia finalmente reunir uma frota sob a bandeira de Brandeburgo. Senhor de uma armada, Frederico Guilherme subscreve a navegação e o comércio como os cruciais pilares do estado brandeburguês, apelando aos cidadãos para a produção de manufacturas e alimentos necessários para a subsistência interna e as empresas no mar ¹.

À semelhança de Portugal no dealbar das primeiras expedições, Brandeburgo, um país de pequenas dimensões, vê na expansão rumo a África uma possibilidade de fortalecimento interno, bem como de legitimação política. Assim, no ano de 1680 parte uma primeira armada em direcção à costa ocidental africana, a fim de explorar condições para um futuro estabelecimento nesta região do globo. Um ano depois, estava criada a Companhia de Brandeburgo e, em 1682, já se iniciava a construção de um forte em terras africanas.

¹ Sobre a presença de Brandeburgo em África, veja-se, particularmente, Adam JONES, *Brandenburg Sources for West African History, 1680-1700*, Estugarda, 1985 e Ulrich van der HEYDEN, *Rote Adler an Afrikas Küste*, Berlim, 1993.

Notícias de África difundidas na Alemanha

Se, à primeira vista, o interesse pelo continente africano poderá parecer insólito neste distante território do Império, deveremos ter em atenção que a Alemanha desde cedo revelou grande curiosidade pelas viagens marítimas portuguesas ². De facto, este país seguiu atentamente o avanço no Atlântico Sul, como já em 1493, se pode comprovar, com a edição da famosa crónica-mundi de Hartmann Schedel ³. Num capítulo que dedica a Portugal não só se faz já referência à riqueza da ilha da Madeira, nomeadamente ao lucrativo comércio do açúcar, como ainda se dá grande relevo às viagens de Diogo Cão ⁴.

Hartmann Schedel pôde, na verdade, contar com o saber de dois compatriotas, Martin Behaim⁵ e Hieronymus Münzer, detentores de informações sobre Portugal e a sua empresa marítima. Oriundos de Nuremberga ⁶, ambos tinham visitado o reino português e muito souberam relatar sobre as novidades que em Portugal se ouvia e via sobre outros novos mundos. Behaim é o conhecido autor de um dos primeiros globos ⁷ com representações do Atlântico Sul, bem como de um escrito que teria compilado segundo depoimentos de Diogo Gomes. Com o sugestivo título *De prima inventione Guinee* ⁸, este escrito compila, entre 1485-1490, informações em primeira-mão sobre a costa ocidental africana.

Hieronymus Münzer ⁹, que chega a Portugal em 1494, juntamente com mais três mercadores, Anton Herwart de Augsburg, Kaspar Fischer e Nikolaus Welkenstein, de Nuremberga, a fim de conhecer as novidades das viagens dos Descobrimentos, irá de igual modo legar-nos um relato da sua estada por terras portuguesas onde pôde tomar contacto com novos mundos revelados pelos mareantes portugueses. Assim, na sua *De Inventione Africae maritimae et occidentalis*,¹⁰ conta como o rei D. João II faz questão de lhe mostrar uma pele de cobra trazida da Guiné, como em Lisboa admira, no coro de um convento, um crocodilo embalsamado que aí se encontrava pendurado, bem como um bico de pelicano vindo da Guiné. E nas ruas da cidade não pode deixar de reparar numa característica singular que diferenciava Lisboa das restantes capitais europeias: o enorme número de africanos, imagem que levou para Nuremberga e que não se esqueceu de incluir no relato da sua viagem à Península Ibérica.

² Veja-se Marília dos Santos LOPES, «Portugal. Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII», in *Mare Liberum* 1 (1990), pp. 205-308 ou Marília dos Santos LOPES, «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa», in *Máthesis*, 9 (2000), pp. 233-241.

³ Hartmann SCHEDEL, *Liber Chronicarum*, Nuremberga, 1493.

⁴ Idem, *Ibidem*.

⁵ Sobre Martin Behaim em Portugal, veja-se G.R. CRONE, «Martin Behaim, navigator and cosmographer, figment of imagination or historical personage?», in *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos*, Lisboa, 1961, vol. II, pp. 117-133; Günther HAMANN, *Der Eintritt der südlichen Hemisphäre in die europäische Geschichte*, Viena, 1968, pp. 192-214 e Armando CORTESÃO, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. I, Coimbra, 1969, pp. 27-29.

⁶ Sobre Nuremberga e a sua importância no meio comercial e intelectual alemão, veja-se Ute Monika SCHWOB, *Kulturelle Beziehungen zwischen Nürnberg und den Deutschen im Südosten im 14. bis 16. Jahrhundert*, Munique, 1969 e Lore SPORHAN-KREMPPEL, *Nürnberg als Nachrichtenzentrum zwischen 1400 und 1700*, Nuremberga, 1968.

⁷ Sobre este tema, veja-se Hermann KELLENBENZ, «Die Beziehungen Nürnbergs zur Iberischen Halbinseln, besonders im 15. und in der erten Hälfte des 16. Jahrhunderts», in *Beiträge zur Wirtschaftsgeschichte der Stadt Nürnbergs*, Nuremberga, 1967, pp. 456-493. Segundo Kellenbenz, Behaim ter-se-ia deslocado a Nuremberga com a ideia de convencer os comerciantes desta cidade a participarem nas viagens marítimas; o globo seria a prova dos últimos dados recolhidos. De facto, o globo viria a ser financiado pelos magistrados de Nuremberga. Sobre as inscrições globo, veja-se E. G. RAVENSTEIN, *Martin Behaim, his life and his globe*, Londres, 1908.

⁸ Veja-se Martin BEHAIM segundo o relato de Diogo Gomes, «Do primeiro Descobrimento da Guiné», in José Manuel Garcia (ed.), *Viagens dos Descobrimentos*, Lisboa, 1983, pp. 25-54.

⁹ Antes de vir a Portugal, Hieronymus Münzer escreveu ao rei D. João II (1493) sugerindo-lhe a navegação para Ocidente, visto que este seria o verdadeiro caminho para alcançar em curto espaço de tempo a oriental *Catay*. É possível que Martin Behaim tenha trazido a carta aquando do seu regresso de Nuremberga. Veja-se Jerónimo MÜNZER, *Itinerário*, Coimbra, 1932; Ver ainda Luís de ALBUQUERQUE, *Os Guias Náuticos de Munique e Évora*, Lisboa, 1965.

¹⁰ Jerónimo MÜNZER, *Itinerário...* cit.

Alguns anos mais tarde é o relato de Balthasar Springer, um dos alemães que viajou na frota de D. Francisco de Almeida (1505), que viria a lume na Alemanha, em 1509, e que se iria tornar num dos mais importantes documentos dos inícios da Carreira da Índia além-Pirinéus ¹¹. De facto, este texto, que nas edições flamenga e alemã é acompanhado por ilustrações dos povos visitados, viria a contribuir significativamente para a difusão, na Europa Central, das notícias referentes às viagens dos portugueses.

Enquanto estes relatos sobre a exploração da costa africana circulavam pela Europa e em particular pela Alemanha, outros conterrâneos tinham já a oportunidade de apreciar algumas das raridades vindas de novas paragens em terras europeias. Albrecht Dürer, no seu diário de viagem aos Países Baixos, aponta as coisas maravilhosas e novas vindas de África e da Índia que viu e conheceu em Antuérpia ¹². Para além da célebre gravura que fez do rinoceronte enviado por D. Manuel I ao papa Leão X, o artista deixou-nos esboços de africanos, mormente de Catarina, a escrava do feitor português.

É ainda o interesse e a curiosidade pela gesta lusitana que levam Konrad Peutinger ¹³, o humanista e secretário do Imperador Maximiliano I, a defender a participação das casas comerciais alemãs nas viagens portuguesas ¹⁴, os Fugger, uma das famílias de mercadores mais influentes do sul da Alemanha e de grande poderio no comércio ibérico, a compilarem e colecionarem, por toda a Europa, testemunhos e livros sobre as terras descobertas, criando deste modo uma das mais importantes bibliotecas da Idade Moderna ¹⁵, ou letrados, como Martin Waldseemüller a publicar, em 1507, um mapa-múndi que, a partir das viagens dos descobrimentos portugueses, iria revolucionar a imagem do mundo. Waldseemüller publicaria mais tarde ainda uma *Geografia* (1513) que, entendida como uma reedição de Ptolomeu, se tornaria um verdadeiro marco da cartografia europeia. A este geógrafo, outros se seguiriam no esforço de representar o mundo tal como nos inícios do século XVI se definia ¹⁶.

Como podemos verificar, a distância não representava qualquer obstáculo para estes homens sedentos de saber. Nas suas funções de comerciantes, diplomatas, artistas, eruditos unia-os uma sólida e férrea vontade de conhecer mais sobre o mundo.

As notícias dadas a conhecer pelos mareantes portugueses continham novas *verdades* sobre a terra e seus habitantes. Os nautas revelavam contornos desconhecidos para as costas africanas e afirmavam que a região ao sul do Equador seria habitada ¹⁷. Daí que os múltiplos empenhos dos humanistas em formular uma imagem verdadeira e exacta sobre o mundo e a humanidade reclamassem a recepção e transmissão de informações do mundo recém-descoberto. Cientes de que nem só o mundo da Antiguidade Clássica lhes traria o verdadeiro saber e capazes de se deixar embriagar por novos princípios e parâmetros metodológicos, os

¹¹ *Die Merfart und erfahrung nüwer Schiffungen und Wege zü viln onerkanten Inseln und Königreichen/ von dem groszmechtigen Portugalichen Kunig Emanuel Erforscht/ bestritten und Ingenommen...* Sobre Springer e o seu relato, veja-se Renate Kleinschmidt, *Balthasar Sprenger - eine quellenkritische Untersuchung*, Viena, 1966 e Adam JONES, «The Earliest German Sources for West African History (1504-1509)», in *Paideuma* 35, 1989, pp. 145-154.

¹² Albrecht DÜRER, *Schriften und Briefe*, Leipzig, 1982, pp. 55-101.

¹³ Sobre a estreita amizade entre Valentim Fernandes e Konrad Peutinger, em casa de quem se irá encontrar o célebre *Manuscrito de Valentim Fernandes*, e o interesse de ambos pelos descobrimentos portugueses, veja-se Marília dos Santos LOPES, «"Vimos oje cousas marauilhosas." Valentim Fernandes e os Descobrimentos Portugueses», in *Portugal - Alemanha - África. Do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Coord. A. H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz, Fernando Clara, Lisboa, 1996, pp. 13-23.

¹⁴ Como se pode comprovar na sua correspondência para o Imperador. Cf. *Entwürfe für Schreiben an Maximilian*. In: *Conrad Peutinger. Beiträge zu einer politischen Biographie*. (Ed.) Heinrich Lutz, Augsburg, s. d.

¹⁵ Veja-se Paul Lehmann, *Eine Geschichte der alten Fuggerbibliotheken*, 2 vols, Tübingen, 1956-1960.

¹⁶ Entre os muitos nomes a mencionar, gostaríamos de destacar os de Wilhelm Pirckheimer, Lorenz Fries, autores de importantes obras geográficas na Europa do seu tempo.

¹⁷ Veja-se Michel MOLLAT, «Humanisme et Grandes Découvertes (XVe -XVIe Siècles)», in *Francia*, vol. 3, Munique, 1976, pp. 221-135; Luís de MATOS, «La Littérature des Découvertes», in Michel MOLLAT e Paul ADAM (Ed.), *Les Aspects Internationaux de la Découverte Océanique aux XVe et XVIe siècles*, Paris, 1966, pp. 23-30

eruditos alemães cultivavam o diálogo com fontes portuguesas como veículo de comunhão intelectual no conhecimento das "coisas da humanidade".

Assim, se numa fase inicial se divulgavam na Alemanha pequenos textos noticiosos, depressa se evidenciava a necessidade de conhecer escritos de maior fôlego sobre a empresa marítima. Nomes como o de Luís de Cadamosto, cuja relação viria a lume na célebre colecção de viagens *Paesi novamente ritrovati*¹⁸, os trabalhos de Damião de Góis sobre a Etiópia,¹⁹ os primeiros livros da História de Fernão Lopes de Castanheda²⁰, onde se relatam as primeiras viagens pelo Atlântico, ou a obra de Duarte Lopes²¹ sobre a sua estada no Congo seriam naturalmente dados a conhecer em alemão.

Nos finais do século XVI, serão holandeses como Jan Huyghen van Linschoten²² ou Pieter Marees²³, que irão saciar a curiosidade acerca destas terras, ou ainda alemães que, ao serviço da Companhia Holandesa das Índias (VOC), navegam e comerciam nas águas e costas do Atlântico. É o caso de Andreas Josua Ultzheimer²⁴, Samuel Braun²⁵ e Michael Hemmersam²⁶, que a bordo dos navios da VOC relatam sobre as terras, os povos, as mercadorias da costa ocidental africana.

Mas nas águas do Atlântico navegavam ainda embarcações de outras nações, como as da Suécia e da Dinamarca, países que, a partir de 1640, começaram também a rumar em direcção ao Sul. A fim de se inserir nos tratos comerciais locais, os dinamarqueses erigiram, em 1658, um forte na costa ocidental africana. A Dänische Africanische Compagnie recebera, em 1659, do rei Frederico III da Dinamarca e Noruega, o privilégio para negociar na costa ocidental africana. Wilhelm Johann Müller, um padre alemão, parte em 1662 ao serviço da Dänische Africanische Compagnie para a costa africana, onde irá ficar até 1670. O seu relato, editado em 1673 na cidade de Hamburgo²⁷, espelha os trabalhos e experiências dos oito anos em que residiu nesta região, mesmo pouco antes da chegada de Brandeburgo.

¹⁸ Fracanzio da MONTALBODDO, *Paesi novamente ritrovati*, Vicenza, 1507, obra editada em Nuremberga, um ano mais tarde, com o título *Neue unbekante Landte und ein neue weldte in kurz vergangener zeythe erfunden* e também em língua latina.

¹⁹ Damião de GÓIS, *Fides, Religio, Moresqve Aethiopvm Imperio Preciosi Ioannis (quem vulgo Presbyterum Ioannem vocant)...* Lovaina, 1540. ou ainda a *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Joannis ad Emanelem Lusitaniae Regem, Anno Domini. M.D.X.III.*, Antuérpia, 1532.

²⁰ [Fernão Lopes de CASTANHEDA], *Warhafftige vnd volkomene Historia/ von Erfindung Calecut vnd anderer Königreich/ Landen vnd Inseln/ in Indien/ vnd dem Indianischen Meer gelegen/ So vormals von niemals mehr erfand/ Daher biß auff den heutigen Tag allerley Gewürtz/ Specerey und andere köstliche Waren in die ganze Christenheit gebracht werden, Wie dieselbigen durch des Königs auß Portugal Unterthanen zu Meer ersucht/ gefunden und bekriegt worden/ etc. Auß Frantzösischer Sprach jeßt newlich ins Teutsch gebracht*, s.l., 1565.

²¹ Duarte LOPES e Filippo PIGAFETTA, *Warhaffte vnd Eigentliche Beschreibung dess Königreichs Congo in Africa/ und deren angrenzenden Länder/ darinnen der Inwohner Glaub/ Leben/ Sitten vnd Kleidung wol vnd aussführlich vermeldet vnd angezeigt wirdt*, Frankfurt/M., 1597. Importa também referenciar a obra de Albertinus Aegidius, *Historische Relation/ (...) kurtze Beschreibung deß Landts Guinea vnd Serra Lioa in Africa ligendt*, Munchen, 1609, uma vez que esta segue o texto de Fernão Guerreiro, *Relaçam annual das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Iesus...*, 5 vols, Évora, 1603, Lisboa 1605 e 1607. Esta obra publicada em Lisboa, no ano de 1611, seria em grande parte vertida para o alemão.

²² Theodor de BRY, *Ander Theil der Orientalischen Indien*, Frankfurt, 1598, p. 9.

²³ Pieter Marees publica a sua descrição do reino da Guiné na cidade de Amsterdão, em 1602. Gothhard Arthus verterá alguns capítulos para o alemão que surgem ao público, um ano mais tarde, na obra de Theodor de BRY, *Des orientalischen Indien*, 6 parte, *Wahrhaftige Historische Beschreibung deß gewaltigen Goltreichen Königreichen Guinea*, Frankfurt/M. 1603.

²⁴ Andreas Josua ULTZHEIMER, *Wahrhaffte Beschreibung ettlicher Reisen in Europa, Africa, Asien und America 1596-1610*, Tübingen, 1616, ed. fac-simile Heidenheim, 1971.

²⁵ Samuel BRAUN (Brun), *Schiffarten: Welche er in etliche neue Länder und Insulen/ zu fünf unterschiedlichen malen/ mit Gottes hülf/ gethan*, Basileia, 1624, ed. Graz, 1969.

²⁶ Michael HEMMERSAM, *West-Indianische Reise von Amsterdam, nach St. Jorius de Mina, so ein Castell in Africa*, Nuremberga, 1663. Editado por S. P. L'Honoré Naber *Reisebeschreibungen von deutschen Beamten und Kriegsleuten im Dienst der Niderländischen West-Und Ost-Indischen Kompagnien 1602-1797*, 1 vol., Haag, 1930.

²⁷ W. J. MÜLLER, *Die Africanische auf der Guinesischen Gold-Cust gelegne Landschafft Fetu*, Hamburgo, 1673.

Por fim, um destaque à obra de Olfert Dapper, dada a sua importância para a construção da imagem sobre o continente africano e a costa ocidental em particular. Dapper, ao contrário dos outros autores que acabámos de ver, não esteve *in loco*, mas o seu trabalho teve o mérito de compilar pela primeira vez, como foi sua intenção, "[...] uma descrição geral" vinda a lume no ano de 1671²⁸. Profundo conhecedor das relações de viagens, este autor lançou-se, pois, na arduosa empresa de compilar uma monografia sobre África a que deu o título de *Umbständliche und Eigentliche Beschreibung von Africa*. Na tradição das descrições do mundo, Olfert Dapper traça um retrato das regiões e gentes africanas. Sem que nunca tivesse visitado qualquer terra africana, Dapper escreveria uma obra de referência sobre este continente. Para o êxito contribuiu o facto de se assumir ou igualar a um historiador²⁹. reunindo e agrupando, consoante a sua importância e relevância, um vasto caudal de factos³⁰. Além disso, Dapper, ao dar primazia à documentação, não tece qualquer comentário pessoal. Raramente interferindo, o autor evita opiniões ou conceitos que espelhem a sua posição de homem europeu³¹.

Em suma, a Alemanha, como tivemos oportunidade de constatar a partir destes exemplos, estava bem a par das notícias difundidas sobre África e a presença europeia neste continente.

Otto Friedrich von der Groeben e a sua *Guinesische Reise=Beschreibung*

Nos finais do século XVII, os estados europeus jogam, como sabemos, os interesses políticos e comerciais no mar e mais particularmente no Atlântico.

Na Costa do Ouro, só nos 300 km entre Axém e o rio Volta, existiam perto de quarenta entrepostos das diversas potências europeias, mormente Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca e, a partir de 1680, iremos assistir à chegada de Brandeburgo.

Os locais escolhidos por este país serão em Axém, perto do Cabo das Três Pontas e, mais tarde, na ilha de Arguim – precisamente onde os portugueses construíram a sua primeira feitoria. Se já a partir de 1683 se constata o seu interesse por Arguim, será em 1685 que a Companhia de Brandeburgo vai escolher esta ilha como uma importante escala nas rotas da Companhia. Este novo local estratégico irá ficar entregue a Cornetins Remeis, mais um holandês ao serviço de Brandeburgo³².

A abundância de água doce no interior, e de peixe nas águas circundantes contribuiu para a escolha, tal como já acontecera com a ocupação portuguesa, em 1455. Entretanto, a feitoria portuguesa já estivera, desde 1638, nas mãos dos holandeses, e quarenta anos mais tarde, em 1678, fora a vez dos franceses.

O produto de maior interesse comercial desta região era a goma-arábica ou cola, uma substância espessa, extraída de árvores como a acácia Senegal, e que era usada para fins medicinais e para a indústria têxtil. Tal como já as fontes portuguesas a tinham descrito, o relator da instalação de Brandeburgo na costa ocidental, diz tratar-se de um fruto como a castanha, de cor púrpura e um pouco ácida. Refere ainda que os africanos a comem e bebem, pois a cola – „a

²⁸ Olfert DAPPER, *Umbständliche und Eigentliche Beschreibung von Africa...*, Amsterdão, 1671, prólogo, p. iij.

²⁹ O. Dapper é ainda o autor da tradução para o holandês das obras de Heródoto e de Homero.

³⁰ Olfert Dapper teve ainda certamente a possibilidade de utilizar manuscritos existentes nos arquivos holandeses. Sobre o seu trabalho, veja-se Adam JONES, *Olfert Dapper et sa description de l' Afrique*. In: *Objectis Interdits*. (Ed.) Fondation Dapper, Paris, 1989, pp. 72-81, do mesmo, *Decompiling Dapper*, in: *History in Africa*, Nr. 17 (1990), pp. 171-209.

³¹ Adam Jones chama a atenção para o facto de Dapper ser um dos primeiros autores a ter em consideração, nas suas obras, a visão dos povos africanos. Veja-se Adam Jones, *Olfert Dapper et sa description de l' Afrique*. In: *Objectis Interdits*. (Ed.) Fondation Dapper, Paris, 1989, pp 79-80.

³² Sobre a presença de Brandeburgo em Arguim, veja-se Théodore MONOD, *L' Ile d' Arguin (Mauritanie), Essai historique*, Lisboa, 1983.

planta mais africana³³ - ajudaria a matar a fome³⁴ A sua procura seria de tal forma significativa que os portugueses a venderiam noutras regiões, onde a usariam como moeda.

Otto Friedrich von der Groeben, um jovem de 27 anos, tido como experiente militar, seria o escolhido pelo “Grande eleitor” para chefiar a expedição de 1682. Acompanhavam-no cinquenta homens, entre engenheiros e soldados, e a sua principal missão era coordenar os trabalhos da construção de um forte. A 1 de Janeiro de 1683, a bandeira do navio içar-se-ia na montanha que viria a ser baptizada com o nome do grande eleitor, Grossen-Friedrich-Berg, tal como mais tarde o forte, o Grossfriedrichsburg, erigido numa pequena península ideal para os navios. Este forte, tal como nos relata, resultou de um acordo feito com os habitantes. Eles permitiam-lhe negociar nesta área enquanto os brandeburgenses os protegeriam de potenciais invasores. Aliás, a construção de um forte, símbolo da presença europeia, era, em primeiro lugar, uma protecção ao perigo que vinha sempre do mar. Todavia, tal como Groeben menciona, muitos dos fortes que visitou não teriam mais do que vinte soldados³⁵. A principal actividade era a troca comercial.

A chegada de Brandeburgo logo seria vista, em especial pelos holandeses, como uma porta aberta para divisões nas populações autóctones. O capitão holandês do castelo da Mina apressou-se a apresentar o seu desagrado, tal como nos relata Groeben. Ao protesto de que não teriam direito de comerciar na Costa do Ouro, Groeben, que sabe que o outro não o pode proibir de o fazer, remete-o para as autoridades de Berlim. Tal como nos assegura no seu escrito, ter-lhe respondido que os alemães compraram a terra aos africanos, pelo que estes lhes teriam concedido o direito de ali se instalarem³⁶. Eis como os africanos determinavam o relacionamento e os acordos que estabeleciam com as diferentes nações europeias, confirmando o seu decisivo papel na construção do Atlântico, como a historiografia tem vindo a chamar a atenção³⁷.

Chegado nos finais de Dezembro de 1682, Groeben fica até Agosto de 1683, ou seja apenas uns escassos oito meses.

No regresso, à semelhança das primeiras viagens de reconhecimento, também ele levaria animais, plantas e alguns jovens negros que viriam a fazer furor, como sabemos, como pajens nos palácios de Potsdam e Berlim³⁸.

Bem localizado na rede comercial, Grossfriedrichsburg teria como principais mercadorias o ouro e o marfim. Entre 1682 e 1696 todos anos se cunharam, em Berlim, os chamados Ducados da Guiné (Fig. 1a e 1b).

Estas duas mercadorias não eram, contudo, suficientes para encher os porões dos navios e tornar a viagem rentável, pelo que a Companhia de Brandeburgo iria participar no tráfico de escravos. A partir de 1687, os navios da frota de Brandeburgo passam a dirigir-se para a Costa dos Escravos. O problema que se colocava era onde os poderiam depois vender, dado que outras potências europeias, mormente a Holanda, Inglaterra, França e Espanha, só permitiam a compra de escravos transportados por embarcações suas. Assim, será com os dinamarqueses que Brandeburgo chega a acordo e os seus navios iniciam uma nova rota, rumando até às Caraíbas, perto de Puerto Rico³⁹.

³³ Sobre a cola, veja-se Alfredo MARGARIDO, *As Surpresas da Flora no Tempo dos Descobrimentos*, Lisboa, 1994.

³⁴ Otto Friedrich von der GROEBEN, *Guinesische Reise=beschreibung*, Marienwerder, 1694, p. 51.

³⁵ Idem, *Ibidem*, p. 64.

³⁶ Idem, *Ibidem*, p. 85.

³⁷ Veja-se, entre outros, John THORNTON, *Africa and Africans in the making of the atlantic world, 1400-1680*, Cambridge, 1992.

³⁸ Adam JONES, *Brandenburg Sources for West African History...* cit. e Ulrich van der HEYDEN,, *Rote Adler...* cit.

³⁹ Segundo Ulrich van der HEYDEN, *Rote Adler...* cit. navegaram para a Companhia de Brandeburgo nos primeiros anos dois navios em 1682 e 1683, nove em 1688, cinco em 1690, doze, o maior número registado, em 1692 e oito em 1698 – números que demonstram as dificuldades de uma pequena empresa com grandes e diversos concorrentes .

Otto Friedrich von der Groeben irá deixar-nos um relato da viagem inaugural, anotando informes sobre a costa africana desde o Cabo Branco até ao Cabo das Três Pontas, local que lhe tinha sido indicado como o ideal para a construção de um forte.

A importância atribuída ao seu relato poderá ser confirmada pela sua publicação em 1694. A obra será dedicada a Frederico III, filho do “Grande eleitor” que entretanto falecera. Frederico III de Brandeburgo viria ainda alguns anos mais tarde, precisamente em 1700, a receber o título de rei na Prússia com o nome de Frederico I, em reconhecimento da ajuda prestada ao Imperador da Áustria na luta contra Luís XIV. A presença de Brandeburgo em África, não iria, todavia, ser longa, pois em 1713 o filho de Frederico III já anunciava o fim da empresa e, em 1720, dava-se por terminada a ocupação deste continente.

O texto que conta ainda com algumas gravuras descreve, pois, a breve estada de Groeben em terras africanas, relatando-nos alguns aspectos que lhe teriam despertado mais curiosidade ou interesse. O seu escrito, que em primeiro lugar deveria fixar os principais acontecimentos do dia-a-dia da viagem, dá-nos ainda algumas notas acerca dos contactos que estabeleceu com os africanos, destacando curiosidades, como sobre as casas dos habitantes que, redondas e cobertas por folhas de palmeira, não são muito altas, pelo que para entrar se teria de fazer como que uma vénia (Fig. 2), ou principalmente sobre os exóticos e diferentes usos e costumes dos povos com quem contacta.

Na Serra Leoa, por exemplo, destaca o facto de os seus habitantes terem o hábito de se besuntar com gordura e óleo, tendo assim uma pele a brilhar tal como um espelho – facto que também já teria causado espanto aos portugueses. Refere que andam quase nus, usando só um pano com que tapam as “vergonhas”, embora tenha constado que os que vivem perto da praia gostam de usar um chapéu velho ou uma touca de linho colorida.

As mulheres, acha-as algo divertido de ver, dado que usam a parte superior do tronco completamente nua, atando, na inferior, um pano colorido ou branco; salienta ainda o facto de andarem descalças. Distingue entre escravas, mulheres dos oficiais e concubinas (Fig. 3).⁴⁰

Também não lhe passam despercebidos rituais, como os relacionados com a morte em que, como conta, quando um deles morre, os amigos do falecido reúnem-se para o enterro e que, ao terceiro dia: “Assim um salta, o outro chora, o terceiro ri, o quarto brinca; e todos gritam numa confusão”⁴¹.

No rio dos Cestos, nome que, como Duarte Pacheco Pereira⁴² explica, se deve ao facto de os negros virem resgatar a muita e boa malagueta que aqui há em cestos, como não se vê em mais lugar algum, terá oportunidade de estabelecer contactos com um negro que Groeben reconhece como chefe. Este virá a bordo e terá a oportunidade, no bom costume europeu iniciático de aproximação, de lhe servir uma refeição⁴³. Otto Friedrich von der Groeben observa atentamente os bons modos à mesa e também admira o grande contentamento que ele demonstra ao ouvir a música que lhe oferece⁴⁴. No dia seguinte visita-o em terra, surpreende-o contudo que, como refere, nada o distinga dos outros a não ser o respeito que lhe têm. Eis que mais uma vez se desmascara o olhar do europeu à procura de um sistema político, de insígnias e instrumentos de poder equivalentes aos que conhece.

⁴⁰ Otto Friedrich von der GROEBEN, *Guinesische Reise=beschreibung*, p. 20.

⁴¹ Idem, *Ibidem*, p. 24.

⁴² Duarte Pacheco PEREIRA, *Esmeraldo Situ orbis*, (1505), ed. Augusto Epifânio da Silva Dias, Lisboa, 1975, p. 105

⁴³ Sobre este tema, veja-se Ana Isabel de Sá Ferreira PIPA, *Passar fronteiras, Práticas e instrumentos dos contactos iniciais em África*, Viseu, 2004.

⁴⁴ Otto Friedrich von der GROEBEN, *Guinesische Reise=beschreibung.. cit.*, p. 104. É uma reacção já conhecida das primeiras obras da literatura portuguesa de viagens, mormente o conhecido passo em que Álvaro Velho no seu relato da viagem inaugural do caminho marítimo para a Índia, se surpreende quando verifica o gosto dos habitantes pela música, que concertavam muito bem para negros de quem, como afirma, não se espera música.

A simpatia que irá nutrir por Peter, este o nome do africano que o recebe como amigo, reflectir-se-á posteriormente numa das gravuras da sua obra, onde o representa em busto, à semelhança dos imperadores romanos, em homenagem, por certo, ao retratado (Fig. 4).

Groebeen relata que, na esteira do uso iniciado por outros europeus, oferece presentes aos africanos, mormente aguardente, ferro, ou roupas que estes povos muito apreciam. Nestes seus contactos, embora mencione, por vezes um intérprete, fala inglês, holandês, e até português, como alude numa ocasião em que fala com uma africana. Aliás, importa salientar que o seu texto está repleto de vocábulos portugueses. Os mais frequentes estão relacionados com a toponímia, assegurando que os nomes atribuídos pelos portugueses seriam a nomenclatura adoptada. Mas, para além dos nomes de terras ou localidades, Rio de Escravos, Serra Leoa, Cabo Branco, que escreve sempre em português, podemos ainda encontrar nomes de produtos como malagueta, ananás, bananas, batatas, ou ainda outros casos que nos parecem bastante curiosos. É o caso do ritual da oferta de „presentes“, em que utiliza o vocábulo português, como se não houvesse tradução para este acto único e singular no relacionamento entre europeus e africanos ⁴⁵.

Este exemplo, que se vem a comprovar noutros casos, dá-nos, para além de uma relevância linguística do português como língua de comunicação e de vivência, ainda uma dimensão histórica da presença europeia em África, à qual Groebeeen não está alheio. Aliás, este observador insere pequenos apontamentos sobre a história dos europeus nestas paragens, mencionando por exemplo que os portugueses teriam sido os primeiros senhores de toda a Costa do Ouro tendo assim durante muito tempo usufruído dos negócios desta região.

Se, por vezes, é uma imagem afável a que traça dos africanos em que elogia algumas virtudes ou habilidades como por exemplo, que sabem negociar, o certo é que várias vezes, como na Costa dos Beijudos, como ficaram conhecidos nas fontes portuguesas ⁴⁶, salienta tratar-se de gente má. Aliás, nas suas apreciações sobre os africanos não se poderá falar de um entusiasmo nem de uma especial simpatia, como nos confirmam muitos trechos do seu relato, em que fala de povos que vendem os prisioneiros, mas também mulheres e crianças, até porque, como Groebeeen acrescenta, eles as têm como cães ⁴⁷. Considera-os, pois, maus, ladrões, e agentes do diabo, como chega a afirmar quando descreve as suas crenças ou serviços religiosos (Fig. 5) ⁴⁸.

Embora o seu olhar europeu guie o seu apontamento, não deixa, contudo, de se mostrar atento e curioso ao modo de viver da sociedade africana, como se pode ver. Num passo do seu relato, que merece a nossa atenção, Groebeeen refere que se poderá afirmar que estes homens são felizes, uma vez que a sua natureza se contenta com pouco. E especifica: eles não precisam de se preocupar com sapatos, meias, chapéus nem fato, bebem água, comem um pouco de farinha ou arroz das suas culturas, ninguém lhes rouba os frutos maravilhosos que crescem silvestres nos desertos e, além disso, são pessoas divertidas, cantam, saltam, exprimem júbilo e pouco conhecem de preocupações ou da ânsia de riqueza ⁴⁹. Ao lermos este extracto, logo nos ocorre a imagem idealizada do *bom selvagem* ⁵⁰, homem que vive feliz, sem grandes preocupações e conforme a natureza lhe dita. Retomando noutro momento este tema, Groebeeen levanta a questão se o amor pela pátria pode influenciar o rumo da vida humana. E neste contexto, refere o que teve ocasião de observar entre os africanos. Afirma, pois, tal como pôde ter conhecimento por alguns

⁴⁵ A listagem de nomes poder-se-ia aumentar com muitos outros vocábulos portugueses. Todavia, não nos importa tanto a enumeração mas destacar que o uso de termos portugueses, como aldeias, azagaias ou feitiços, traduzem a adopção da surpresa inicial dos portugueses, como do baptismo dado por aqueles que viram e nomearam estas realidades alheias pela primeira vez.

⁴⁶ É o exemplo de Duarte Pacheco PEREIRA, *Esmeraldo...* cit. p. 110.

⁴⁷ Otto Friedrich von der GROEBEEN, *Guinesische Reise=beschreibung...* cit., p. 57.

⁴⁸ Tema que irá igualmente destacar nas imagens que adiciona ao seu relato de viagem. E como na iconografia coeva, o ídolo representado é o diabo das pinturas ou gravuras europeias. Veja-se Marília dos Santos LOPES, *Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas, Para uma iconografia dos Descobrimentos*, Lisboa, Quetzal, 1998.

⁴⁹ Otto Friedrich von der GROEBEEN, *Guinesische Reise=beschreibung...* cit., p. 26.

⁵⁰ Veja-se Karl-Heinz KOHL, *Entzauberter Blick, Das Bild vom Guten Wilden*, Frankfurt/M., 1986.

negros, que ao décimo dia da sua estada entre europeus, em casas de gente distinta com grande liberdade e clemência, voltavam à sua terra natal e ao deserto, preferindo a vida pobre africana, do que a luxúria europeia. E quando lhes teria perguntado com curiosidade, qual a razão do seu regresso, um deles teria respondido que um homem que se contenta com pouco é o mais rico e contente. A seu ver, enquanto na Europa se vive separado dos amigos, se tem de procurar para comer e beber, eles, os africanos, pelo contrário, viveriam na sua terra entre familiares, tapariam as vergonhas com trapo e, com um trago de água e uma mão cheia de farinha viveriam como os mais felizes e ricos homens do mundo. Perante esta resposta, Groeben termina afirmando felizes daqueles, cuja natureza se contenta com pouco⁵¹. Se é pouco provável que neste período houvessem já exemplos, como o por ele retratado, de africanos que teriam regressado ao seu país, como destaca Adam Jones⁵², o certo é que o seu escrito terá de ser entendido como uma projecção idealizada do autor. Se o terá feito para suscitar interesse aos seus leitores, como também adianta Adam Jones, não saberemos responder. Contudo, parece-nos que importa reter o carácter excepcional deste passo. Na verdade, a idealização do bom selvagem, fruto do confronto com outras realidades, era um tema usual na literatura do século XVI e XVII para os índios americanos, mas em relação aos africanos será preciso esperar pelo século XVIII⁵³.

Além disso, o claro elogio à lei da natureza não deverá ser lido efectivamente como uma entusiástica opinião sobre a forma de viver dos africanos, nem como um velado desejo de que todos deveriam viver como eles. É antes a nostalgia de um europeu que se procura colocar no lugar do Outro – um tema, que pouco mais tarde, Montesquieu irá aprofundar nas suas *Lettres Persanes* também não porque pretendesse ser persa, mas porque queria formular um olhar crítico à Europa.

Será por isso oportuno invocar que é neste texto de Groeben, como pensamos poder afirmar, que aparece pela primeira vez, numa relação de viagem, a oposição clara entre Europa e África. Já não é mais um relato escrito por nós, isto é, portugueses, holandeses, franceses, alemães que entram em contacto com os povos africanos, mas sim um confronto entre dois continentes e as suas “polícias”. Estava assim esboçado um maior distanciamento que irá caracterizar os futuros relatos, no que respeita ao modo como se apresenta e avalia o Outro⁵⁴. À novidade, característica dos primeiros escritos⁵⁵, contrapõe-se a diferença.

A esta atitude construtivista da diferença cultural entre europeus e africanos corresponde um outro texto escrito por Otto Friedrich von der Groeben com base na sua experiência em terras africanas. Em 1700 o relator da empresa ultramarina de Brandeburgo na costa ocidental africana publica um epos de quase novecentas páginas em verso, onde transforma a sua experiência colonial num poema épico⁵⁶. Ao longo deste pretexto literário, o escritor dá espaço na sua descrição ficcionalizada a realidades africanas por ele presenciadas. Sem que tivesse sido um exaustivo repórter das realidades não-europeias, até porque o seu olhar é demasiado europeu,

⁵¹ Otto Friedrich von der GROEBEN, *Guinesische Reise=beschreibung...* cit., p. 61.

⁵² Adam JONES, *Zur Quellenproblematik der Geschichte Westafrikas, 1450-1900*, Suttgart, 1990, pp. 69-70.

⁵³ É o caso de Peter Kolb, como podemos comprovar em Marília dos Santos LOPES, *Da descoberta ao Saber, Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII*, Viseu, 2002, p. 113-116 ou ainda de dois outros autores mencionados por Urs BITTERLI na sua obra, *Die Entdeckung des schwarzen Afrikaners. Versuch einer Geistesgeschichte jder europäisch- afrikanischen Beziehungen an der Guineaküste im 17. und 18. Jahrhundert*, Freiburg, 1970. Veja-se ainda Adam JONES, *Zur Quellenproblematik der Geschichte ...* cit., pp. 70-72.

⁵⁴ Nos finais do século XVII estamos perante um momento de viragem na imagem do Outro. Não tanto por intervenção dos Outros, mas por mudança de atitude dos europeus. Veja-se Marília dos Santos LOPES, *Wie die Wilden immer wilden wurden. Afrika als neue Welt*. In: *Jahrbuch für europäischen Überseegegeschichte*, I (2001), pp. 47-60 ou Jürgen OSTERHAMMEL, *Die Entzauberung Asiens, Europa und die asiatischen Reiche im 18. Jahrhundert*, Estugarda, Berlim, Colónia, 1998. Veja-se a nossa recensão da obra de Jürgen Osterhammel in: *Mare Liberum 18-19 (1999-2000)*, pp. 345-348.

⁵⁵ Cf. Stephen GREENBLATT, *Marvelous Possessions, The Wonder of the New World*, Oxford, 1991.

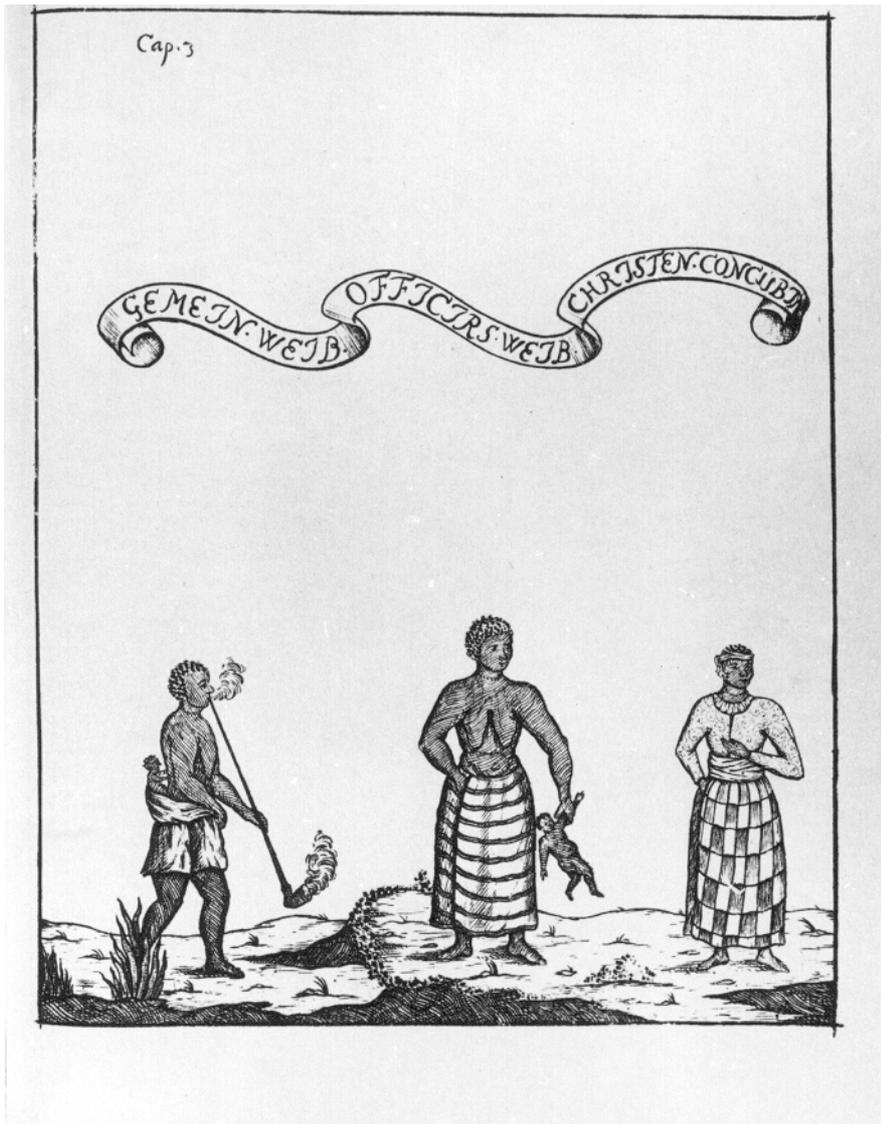
⁵⁶ Otto Friedrich von der GROEBEN, *Des edlen Bergone und seiner tugendhaften Areteen denckwürdige Lebens- und Liebes-Geschichte ... in deutschen Versen heraus gegeben*, Dantzig, 1700.

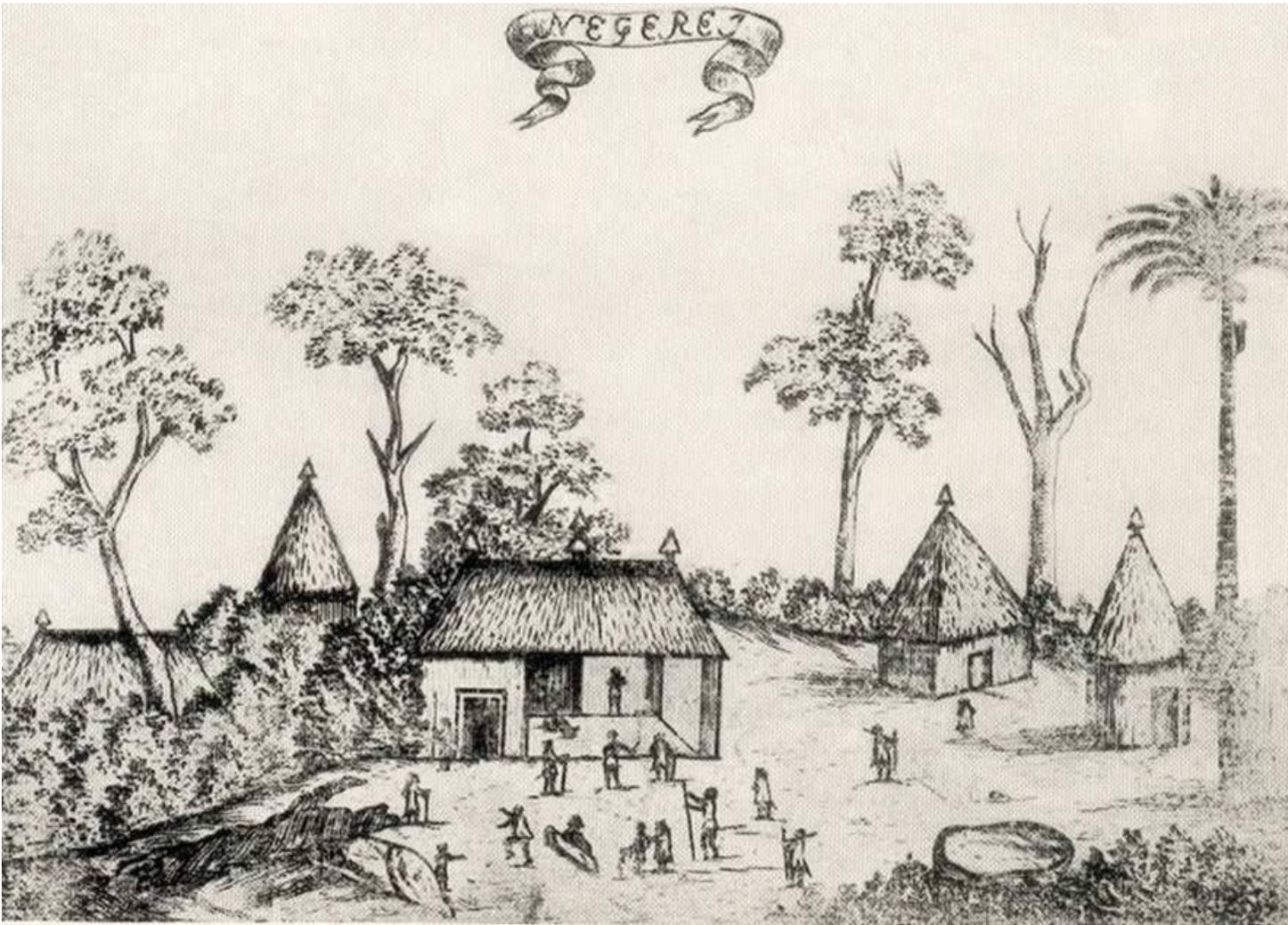
Otto Friedrich von der Groeben dá voz e presença a essas outras gentes e terras. Tal como muitos outros antes dele, o homem que partiu para o Atlântico não regressou o mesmo.

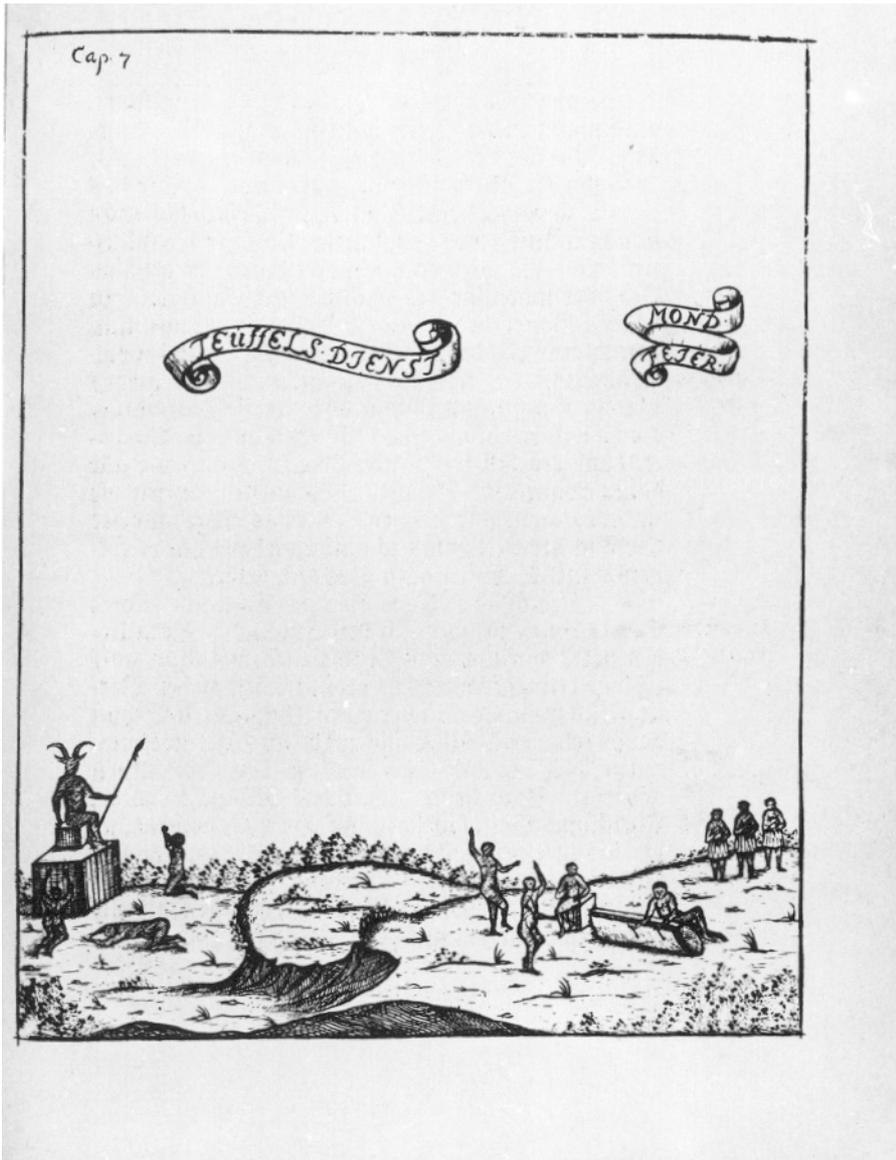
Nascido de uma breve estada em África, o relato de Otto Friedrich von der Groeben delega-nos um olhar europeu sobre culturas e sociedades africanas, bem como um testemunho das ambições e projectos de mais uma potência europeia interessada em expandir o seu poder, nos finais do século XVII, para o Atlântico.











Lista das Figuras:

Fig. 1a e 1b – in: Ulrich van der Heyden, *Rote Adler an Afrikas Küste*, Berlin, 1993, p. 77.

Fig. 2–5 – in: Otto Friedrich von der Groeben, *Guinesische Reise=beschreibung*, Marienwerder, 1694.